

---

# QUALIDADE DE VIDA E ESPORTE NOS CAMINHOS DA FILOSOFIA DA CORPOREIDADE

Silvino Santin  
URGS-ESEF

O meu primeiro olhar volta-se para um aspecto dos temas, atualmente, com muita frequência, propostos para estudos e pesquisas que, há algum tempo, provoca a minha curiosidade, e se tornou um desafio. Acompanhando a história das ciências, a da filosofia em particular, percebo que em cada época, em cada cultura, em cada sociedade surgem temas que se tornam o centro das atenções, ainda que de forma diversa, dos intelectuais estudiosos e pesquisadores, até mesmo, de todas as pessoas com um mínimo de participação no desenvolvimento sócio-cultural. Com o passar do tempo, tais questões ficam num segundo plano, ou mesmo são abandonadas, sem que se tenha obtido uma solução.

Não hesito, nem um segundo, em afirmar que corporeidade, qualidade de vida e esporte constituem, atualmente, um núcleo de temas cada vez mais atraente, seja para o mundo dos intelectuais, seja para a população em geral. Basta observar a frequência com que tais temas aparecem em congressos e seminários promovidos pelo mundo acadêmico, ou em programas televisivos, promovidos pelos meios de comunicação. As editoras, também, oferecem, diariamente, novas publicações com os mais diferentes enfoques e, diga-se de passagem, à vezes com objetivo apenas comercial.

Difícilmente se pode contestar que os temas, o do corpo, o da qualidade de vida e o do esporte, apresentam-se como a última novidade que concentra de modo espetacular as preocupações da sociedade contemporânea, seja dos cientistas de todas as áreas, seja da população em geral. Não vou aprofundar as razões desta invasão no imaginário individual e social, fiz o registro apenas para não cair num discurso da moda, pois é minha pretensão provocar o leitor para ir além do fascínio da novidade.

Não se pode esquecer que, no alvorecer da Modernidade, o corpo tornou-se objeto de estudos, especialmente por parte de anatomistas e fisiólogos, mas ainda não era tratado como corpo humano, era apenas um objeto de manipulação científica como qualquer outro. O dualismo cartesiano garantia tal distinção. O corpo, como *res extensa* totalmente distinta da *res cogitans*, legitimava tal atitude dos cientistas da época.

Hoje, a situação mudou radicalmente. Mas esta mudança não é um fato que possa ser observado isoladamente. Ela é consequência de um conjunto extremamente complexo de profundas modificações no paradigma da cientificidade moderna, que vêm ocorrendo nestas últimas décadas sob o comando da biologia molecular, na área das ciências da vida, e da física quântica, na área das ciências físicas.

Evidentemente, neste estudo, limitado por uma série de fatores, especialmente por pretender ser uma pequena contribuição para o tema do Esporte como fator de qualidade de vida, torna-se impossível aprofundar as questões acima levantadas.

Pretendo, apenas, em nome de uma maneira de filosofar, abrir um caminho, que eu identificaria como *um caminhar filosófico da corporeidade*, para ver se por ele é possível levar a qualidade de vida e o esporte para um passeio dialogal e harmônico. Um tal passeio, certamente, somente será possível se tiver como ponto de partida uma compreensão da relação homem/corpo. E isto se torna ainda mais importante se aceitarmos a tese de Georges Gusdorf de que a significação do

corpo na existência humana não se acha grandemente esclarecida”. (1). Na verdade, dito em duas palavras, *o corpo é o caminho*.

Tenho a plena convicção de que só será possível traçar uma opinião sobre o esporte como fator de qualidade de vida se estivermos embasados numa compreensão de corpo. Esclareço que esta convicção não é apenas de caráter subjetivo, mesmo que o fosse, certamente, não seria sinal de fragilidade, mas está, também, enraizada em resultados de pesquisas biológicas recentes, o que assegura, para a visão cientificista, a exigida garantia de objetividade.

A reflexão filosófica, portanto, seria simplesmente a luminosidade que permite abrir e percorrer o caminho do corpo. Poderia ser qualquer outra ciência, entretanto o recurso à filosofia se deve a duas razões. Uma, muito circunstancial, é a da minha formação acadêmica realizada na área da filosofia. A segunda, mais substantiva, é porque, a filosofia tem, desde suas raízes gregas, um comprometimento muito forte com o destino do corpo na história social, cultural e científica do homem ocidental.

Não vou definir antecipadamente os conceitos, como é habitual nas filosofias racionalistas, pois pretendo seguir os procedimentos do método fenomenológico que, segundo meu entendimento, consiste em descrever as diferentes representações de corporeidade para, talvez, esclarecer em que medida o esporte pode ser fator de qualidade de vida.

Inicialmente, como tomada de posição preliminar, coloco a questão do corpo ou da corporeidade, em duas dimensões. A primeira é a corporeidade vista nos limites da ordem biológica. O corpo seria resultado do processo evolutivo enquanto ação da natureza. Teríamos uma corporeidade de ordem natural. A segunda dimensão coloca a corporeidade como uma ruptura do biológico através da construção simbólica. Trata-se, por assim dizer, de uma segunda corporeidade sobreposta à primeira, enquanto fruto do imaginário individual e social. Essa corporeidade em segunda dimensão concretiza-se na existência de cada pessoa e na cultura coletiva.

Para compreender essa dupla corporeidade temos, do lado do corpo natural, as ciências biológicas, do lado do corpo simbólico, podemos recorrer às ciências humanas, entre elas a filosofia, a antropologia, a história das culturas e das religiões.

Em segundo lugar, me parece legítimo afirmar que a nossa compreensão de corpo pode acontecer de duas maneiras, uma de fora, outra de dentro. No primeiro caso, o corpo é definido a partir de uma representação que fazemos dele, e a ele aplicada. O exemplo mais conhecido é da máquina. A metáfora da máquina não só valia para o corpo, mas todo o homem e para o universo. E como referência inevitável desta compreensão maquínica, cita-se a obra *L’Homme Machine* de Julien Offraie de La Mettrie (1709-1751). O que importa é identificar os órgãos, enquanto peças, e suas respectivas funções. Por exemplo, o coração, durante muito tempo, foi definido como uma caldeira de aquecimento do sangue, produzido pelo fígado em estado frio. Depois passou a ser uma central de bombeamento.

A segunda maneira de compreender o corpo humano, do lado de dentro, nos foi descrita pelo biólogo chileno, Humberto Maturana, através de dois conceitos. O ponto de partida desta compreensão é a percepção do ser vivo como um *sistema auto-referido*. O que significa dizer que todo ser vivo só será fielmente compreendido a partir dele mesmo. Cada ser vivo é modelo de si mesmo. E a dinâmica da construção do ser vivo consiste num modo específico de agir, que Maturana chama de *autopoiese*. Para ele o um sistema auto-referido somente poderia ser corretamente desenvolvido a partir de si mesmo como auto-organização e auto-construção, sem necessidade de um agente exterior que o projete e o construa, como acontece com os sistemas alo-referidos, as máquinas, por exemplo. A autopoiese, fica claro, não significa a exclusão do intercâmbio com o meio ambiente. (1). A descoberta do *gênio genético*, cuja paternidade (contribuições coletivas) e data de

aparecimento, (entre 1972-1974), não são precisas, mas parece confirmar as explicações de Maturana.(2).

Espero que essas referências iniciais e genéricas sejam suficientes para traçar meu caminho filosófico baseado em quatro maneiras de construir a imagem de homem. Não vejo outra maneira de chegar à compreensão do corpo, senão através das diferentes imagens de ser humano que a história do pensamento ocidental nos revela.

## 1. O homem um ser vivo

Afirmar que o homem é um ser vivo, nada há de novo. Mas se afirmarmos que o homem possui os limites de um ser vivo, a situação muda. É esta verdade, ainda que primordial, que estamos redescobrimo graças aos estudos de biologia, de arqueologia e de antropologia física que nos obrigaram a rever a história da humanidade. Essa nova escrita das ciências coloca o começo da história do homem, a cada nova descoberta, em tempos mais longínquos. Não passa um mês, talvez uma semana, sem que novidades apare, Hoje, a bem da verdade não sabemos precisar o milênio em que surge o homem, talvez, o *Homo Sapiens*, que começou evoluir há quatrocentos milhões de anos. Também não sabemos precisar o passo para a hominização, as tradições mitológicas, colocam o fator humano tendo uma origem diferenciada da do corpo. Hoje, sabemos que há uma relação com a evolução do cérebro até chegar ao cérebro “*mentalizado*” de que fala Damásio.(3).

Essa questão intrigante da origem da humanidade possui, hoje, uma certeza, o homem é fruto de um processo evolutivo. E, inicialmente, ele pode ser considerado um ser vivente entre outros seres viventes, evidentemente, com suas características diferenciadas de comportamento derivadas de sua estrutura genética. E tudo indica que assim viveram os primeiros humanos. Não teriam tido uma preocupação com seu físico, a não ser as necessidades de sobrevivência; muito menos com a idéia da mente, da consciência ou da alma.

Parece que a questão primeira, tanto para os primatas primordiais, mesmo os anteriores ao homo sapiens evoluído, do qual somos, hoje, todos descendentes, presumivelmente, consistia em saber qual é o lugar do homem no universo e entre os outros seres viventes. O projeto genoma surpreendeu a todos revelando que o homem é tão semelhante aos demais seres vivos em sua constituição genética, mas ao mesmo tempo, não abalou a crença de que é tão singular em sua existência.

Esse problema, o de estabelecer seu lugar entre os seres vivos e no universo, deve ter sido fundamental para que o homem definisse sua identidade, o que definiria também o modo como devia tratar a si mesmo, aos outros do seu grupo e aos demais seres vivos. Dar-se uma identidade, tinha como conseqüência imediata distinguir-se dos outros e do universo.

Neste esforço de auto-identificação, certamente o corpo, ainda que não fosse uma preocupação imediata, tornou-se o referencial para estabelecer o modo de viver dos primeiros humanos entre si. Pois, segundo Gusdorf, “*o homem era seu corpo, existia seu corpo*”.(4). Sua identidade individual confundia-se com a identidade social. Portanto, o ponto fundamental desta inserção no meio “social” acabou centrando-se numa das funções básicas da vida, a maturação dos órgãos reprodutivos. A reprodução parece ter sido o primeiro critério de vivência coletiva, fator comum entre os outros seres vivos, especialmente os mamíferos. Acredito não exagerar ao invocar o princípio libido de Freud ou a lei do incesto de Levi-Strauss, como avalistas desta tese.

Com o processo evolutivo, o corpo orgânico passou para a esfera do simbólico, tornando-se, no dizer da antropóloga Mary Douglas. abertura e cruzamento do campo simbólico.(1). As tatuagens, as pinturas, as moldagens, os adereços e, particularmente, os rituais de passagem incidiam todos sobre o corpo como forma de ingresso e participação da ordem social. Mas tudo girava em torno do

corpo, dele, ainda, o homem não se havia distanciado.

## 2. O homem não é o corpo

Num dado momento, o homem buscou sua imagem, isto é, sua identidade fora de si mesmo, pelo menos, fora das características imediatas da corporeidade. As duas grandes tradições míticas, que dominaram o progresso sócio-cultural do Ocidente, buscaram para além dos limites do ser vivo humano, sua “verdadeira” identidade. A tradição talmúdica, base da crença judaico-cristão, colocou no sopro de Javé, o Deus Criador, a elevação do homem à condição de humano. A tradição mítica, que nos vem da Grécia, conta que Prometeu, um dos Titãs, amigo dos homens, subtraiu uma centelha de fogo, (elemento divino), exclusividade de Zeus, para doá-lo aos seus protegidos.

Na esteira das duas tradições, o homem ocidental deixou de buscar sua identidade na corporeidade, ao contrário, passou a denegrir sua imagem e sua história. O corpo, em princípio, mantinha o homem amarrado ao mundo material e animal. Suas manifestações deviam ser controladas rigorosamente, às vezes neutralizadas, quando não suprimidas radicalmente. Para os gregos o corpo representava uma prisão para psique, e uma ameaça para seu pleno desenvolvimento. Para a tradição cristão, o corpo ficou corrompido, e somente recuperaria sua dignidade espiritual pelo sacrifício cruento da própria divindade, rebaixada à condição humana.

O pensamento filosófico grego recolocou a identidade do homem na esfera da Natureza (*physis*), sem entretanto reabilitar o corpo como a condição do ser humano. Tal atitude, provavelmente, deveu-se à razões de ordem sócio-política. O deslocamento da natureza humana da esfera das mitologias para a *Physis*, começa com o *Nous* de Anaxágoras, (500-428 a. C.) A filosofia grega atribuiu a natureza do homem um caráter supracorporal, mas proveniente da forças da natureza. O *Nous*, segundo os fragmentos, seria uma inteligência ordenadora, capaz de ordenar o ser humano e todos os seres. Platão reforça ainda mais essa idéia de que a especificidade do homem está num elemento supracorporal. Tese de todos conhecida, por isso, vou lembrar o filósofo e político latino, Cícero (106-43 a.C.), ao dizer que “*Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são as outras qualidades, como sabedoria, a clarividência, o discernimento*”.(2). É a confirmação do pensamento grego, que ao ser aproximado da tradição bíblica-cristã, especialmente via o Neoplatonismo de Plotino (240-270 d.C.) acaba por ser consolidado até, poderíamos dizer, os nossos dias. Para Plotino, marcado pela escola grega e influência pela expansão da mensagem evangélica, afirmou que “*O corpo é essencialmente mal, e pesa sobre a alma como erro e pecado fatal*”.(3). A Idade Média foi o período histórico mais excludente das dimensões corporais do homem.

A Idade Moderna não modificou muito a situação do corpo na história do homem. O homem passou a ser uma máquina, e, particularmente, foi o que absorveu integralmente essa metáfora. Em geral colocamos em Galileu (1564-1642), a grande inovação de ver o mundo e o homem como máquinas. O florentino Leonardo da Vinci (1452-1519), certamente, foi aquele que abriu as portas para a interpretação mecânica, graças a suas pesquisas e invenções em matemática, física, mecânica e anatomia. Eu apontaria como símbolo desta sua antropologia mecânica o quadro *De Divine Proportione*. O ambiente para Descartes (1596-1649) estava preparado, foi assim que ele conseguiu manter a idéia de máquina, proposta pela *sciencia nuova*, sem ferir preceitos teológicos que poderiam levá-lo aos tribunais da Inquisição. De um lado, Descartes afirmou que o homem é uma máquina, chegando a reclamar dos filósofos do seu tempo que pouco sabiam do homem porque pouco conheciam da máquina; de outro lado, ele definiu o pensamento como uma ação totalmente distinta e autônoma da ordem corporal. O raciocínio cartesiano é simples, o corpo é uma máquina, assim como o animal e o universo, por isso, a máquina humana é de natureza animal. A alma,

entretanto, é de essência espiritual e divina, por isso, está na origem da razão e do pensamento que não são dotados de matéria.

A racionalidade, apesar do predomínio quase absoluto sobre o saber e o agir humanos, que chegou, em certos momentos, superar algumas divergências com as teologias, não deu a resposta definitiva para a velha questão: *quem somos*. Assim, a história continua.

### 3. O homem é o corpo

A consagração do método e das teses cartesianas, tanto na filosofia quanto nas outras ciências humanas, se é que se pode usar essa expressão surgida no século XIX, levou os pensadores e filósofos a concentrarem toda sua atenção sobre as faculdades cognitivas do ser humana. O grande tema consistia em assegurar a legitimidade do homem chegar à verdade pelos caminhos da razão. Na medida em que a filosofia, uma ciência nobre, tinham como tema “demonstrar” a capacidade intelectual do ser humana, o que seria fundamental para todas as ciências, o corpo foi entregue aos cientistas que passaram a tratá-lo como qualquer outro objeto das ciências experimentais. Apenas a moral cristã preocupava-se em protegê-lo, especialmente depois de morto, porque em vida podia sofrer as maiores atrocidades, como nos conta Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*.(1).

No interior desta fortaleza erguida pela racionalidade, passado um pouco mais de um século depois da morte de Descartes, surgem os primeiros gestos de rebeldia. Para ser breve, eu diria que o primeiro rebelde foi Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829) ao afirmar que todos os seres vivos, incluído o homem, são resultantes de gerações espontâneas e aleatórias das formas de vida primordiais. Tais concepções foram possíveis porque ele acreditava na teoria da geração espontânea, muito em voga na época. A consequência mais importante desta posição lamarckiana é que o homem caiu do seu pedestal que havia herdado da tradição antropológica judaico-cristã, que o definia como a criatura privilegiada de Deus, cuja semelhança nele estava impressa. O homem volta a ser um elo da teia da vida, para usar a expressão de Fritjof Capra.

Na seqüência Darwin (1809-1882) consolida as posições evolucionistas através de teorias, digamos, mais objetivas, que explicam o mecanismo do processo evolutivo. Diante desta revolução científica que, segundo Axel Kahn, começou por Copérnico, Kepler e Galileu, continuou com Lamarck e Darwin, o homem desce do trono da criação para ser um simples fruto de uma evolução sem projetos, entregue ao jogo de determinantes aleatórios.(2). Ao perder o trono, o homem viu, também, esfumar-se o seu poder sobre os outros seres e o mundo. O mandamento divino: *Crescei, multiplicai-vos e dominai a terra*, perdeu seu fundamento. O homem deve sujeitar-se às leis do universo.

Esse passo revolucionário precisou romper a barreira da herança teológica de uma alma espiritual, e desfazer-se do peso de uma consciência absoluta ou de um eu transcendente das correntes racionalistas. Fica claro, nada está definitivamente tranqüilo na esfera das ciências biológicas, muita coisa deverá acontecer, especialmente depois do mapeamento do genoma humano.

Vou voltar à filosofia. Parte dos filósofos, abandonando o racionalismo cartesiano e iluminista, começaram sofrer a influência das teorias evolucionistas. O materialismo histórico de Marx, já em meados do século XIX, propunha o surgimento da consciência por um processo de evolução da matéria. O homem é um ser histórico, criador e criatura da história. O homem deixou de ser o executor da história de Deus. Apesar deste avanço, a identidade do homem continua sendo a consciência, uma consciência engajada no movimento dialético da história. O contrário significava ser uma consciência alienada, isto é, abdicar de assumir seu papel de sujeito de si mesmo e da história.

Outro passo no campo da filosofia é dado pelas correntes filosóficas. Heidegger, certamente, é o primeiro referencial fundamental. A compreensão do homem como um ser-no-mundo teve o duplo

mérito de retirar o homem das metafísicas, de um lado, e das crenças religiosas, de outro lado. O homem passou a ser existência. Existir é a forma de ser do homem. E falar em existência significa afirmar que o homem não é uma essência abstrata, mas uma manifestação espacial e temporal. O Dasein (ser-ai) heideggeriano é a verdadeira manifestação da condição humana.

A atitude do homem, para Heidegger, consistiria em assumir conscientemente esta condição de ter sido jogado ao mundo, sem nenhuma consulta prévia. Também em Heidegger a consciência de si mesmo continua sendo o referencial para uma vida autêntica. Sartre segue, em parte, na mesma esteira ao afirmar que *“A vida não tem sentido a priori. Antes de viverdes, a vida não é nada; mas de vós depende dar-lhe um sentido, e o valor não é outra coisa senão esse sentido que lhe escolherdes”*. (1). A consciência permanece a característica específica da condição humano.

Um passo um pouco mais em direção ao corpo é dado por Gabriel Marcel ao afirmar que o homem é um *ser-encarnado*. Escreve ele: *“Quando eu digo: eu existo, eu não coloco somente uma consciência, um pensamento, mas eu viso algo mais que é a minha manifestação, isto é, eu sou manifesto”*. E, no meu entender, a posição mais significativa de Marcel consiste em ter afirmado que *a se dá pelo fato de que sou corpo*. Entretanto, depois dessa afirmação arrojada, parece que ele volta atrás ao dizer que *“não se pode dizer que eu sou meu corpo, o que levaria a anular o eu”*. (2) Seja como for, Gabriel deu um passo muito importante em direção ao resgate do corpo, definindo o homem como *“ser-encarnado*, cuja presença une o homem ao seu corpo e ao universo inteiro.

O passo decisivo, certamente, foi dado por Maurice Merleau-Ponty ao declarar: *“Mas eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou o meu corpo”*. (3). Ao assumir a realidade que **sou corpo** não significa reduzir-me ao material, mas aceitar toda minha realidade humana. Ser corpo é afirmar o homem inteiro, exatamente porque, segundo Merleau-Ponty, o corpo não pode ser comparado a um objeto físico, mas a uma obra de arte”.

Parece que, em definitivo, com a afirmação da corporeidade como a condição humana, o corpo precisa ser compreendido e vivido de forma diferente. A metáfora da máquina, regida por forças físico-químicas, parece entrar em declínio, embora toda ideologia da sociedade da era industrial prefira sustentá-la.

Entretanto, ao afirmar-se como corpo, o homem ainda não esgotou o processo da busca de definir quem somos e qual é o lugar que devemos ocupar no universo. As mitologias e as doutrinas teológicas nos colocaram num mundo extra-humano. As filosofias e as ciências modernas, ainda que nos tenham aproximado do mundo e do corpo, não garantiram a resposta final. É possível um passo mais ousado, já iniciado no final do século XX, e que deverá ser o grande desafio do século XXI.

#### 4. O corpo é o homem

Afirmar que o corpo é o homem significa realizar, de certa forma, a revolução copernicana no interior da antropologia. A humanidade do homem surge da sua corporeidade, não mais de uma instância superior. A especificidade do humano gira em torno da corporeidade, não da alma, da razão ou da consciência. Apesar de inverter a ordem antropológica, a afirmação de que o corpo é o homem não representa a negação de nenhuma dimensão humana.

É importante lembrar que este último e audacioso movimento pela ressurreição do corpo foi desencadeado a partir da apresentação, no século XVIII, da teoria evolucionista de Lamarck, mostrando que a humanidade saiu da animalidade, da qual passou a se distinguir e, ao mesmo tempo, da qual continua guardando muitos traços. A espécie humana passou a ser definida biologicamente como um vertebrado superior. No momento em que o evolucionismo abalou a doutrina do criacionismo estava terminando o exílio do corpo, mas começava a grande luta contra as crenças na necessidade de receber de fora o elemento que o tornou humano. De qualquer maneira, a

corporeidade está lentamente voltando a ser a *oikos* humana.

Hoje, parece inquestionável, a fixação da realidade humana no âmbito da biologia. Sintetizando esse primeiro momento lembro apenas Maturana ao dizer que *“os seres vivos somos sistemas determinados na estrutura”*, E essa estrutura têm seu referencial básico no sistema nervoso, pois, segundo ele, *“todos os domínios de ações ou condutas humanas se realizam no sistema nervoso”*.(1). Não se pode esquecer que, para Maturana, fazem parte deste domínio de ações e condutas, o pensar, o refletir, o falar, não apenas atividades físicas.

Com os rápidos avanços da biologia molecular dando um impulso decisivo à genética atual, que deu um *“passo fantástico”*, segundo Axel Kahn, com a descoberta da estrutura da dupla hélice do ADN por James Watson e Francis Crick em 1953 (2), estamos nos aproximando dos caminhos que conduzem à origem da consciência.

Em seguida veio a descoberta do *“gênio genético”*, sem paternidade conhecida, (provavelmente resultado de múltiplas contribuições), e sem data exata de nascimento (presumivelmente entre 1972-1974). O Gênio genético é constituído *por todas as técnicas permitindo a um ser vivo realizar todo ou parte do programa genético de um outro ser vivo*.(3). Diante desta definição, provavelmente, precisamos reinterpretar o *Nous* de Anáxagoras, que, segundo ele, é uma inteligência imanente ordenadora, capaz de distinguir, recolher e ordenar. Sendo imanente, o *Nous* pertence ao ser vivo necessariamente, em termos atuais, diríamos que está inscrito no código genético.

Mais recentemente, pelo que se observa, está muito próximo o momento em que se pode anunciar a natureza neural do eu. Neste sentido cabe lembrar A. Damásio ao relacionar a evolução do cérebro à sobrevivência do corpo, até o ponto em que surgiram os cérebros *“mentalizados”* que passaram a ocupar-se do corpo. O passo mais avançado de Damásio, neste sentido e no meu entender, está nestas palavras: *“O que estou sugerindo é que a mente surge da atividade nos circuitos neurais, sem sombra de dúvida, mas muitos desses circuitos são configurados durante a evolução por requisitos funcionais do organismo”*. (1). Para ele, o eu, (assim designado por falta de uma palavra mais adequada), é uma construção mental muito real que acontece no corpo propriamente dito e no cérebro. Damásio confessa um enorme interesse pelo tema da consciência que, segundo ele, filósofos e neurobiólogos *“já deram início a uma teorização sobre o assunto”*. Por enquanto, percebe-se claramente que ele está convicto de que a base do eu é neural, *cuja compreensão poderá ajudar a esclarecer o processo da subjetividade, a característica-chave da consciência*”.(2). Seguindo a esteira das preocupações de Damásio, Francis Crick, um dos ganhadores do prêmio Nobel de 1962 pela descoberta da estrutura do DNA, trocou a biologia molecular pelo estudo da consciência, mas, segundo suas palavras encontrar a sede da consciência no cérebro, parece ser, por enquanto, um fator mais de sorte do que resultado de pesquisas científicas. Para isso, seria necessário esbarrar numa solução, até certo ponto, inusitada na qual ninguém ainda pensou por razões do paradigma epistemológico vigente.

## 5. Qualidade de vida

Qualidade de vida é um tema muito atual, diria, quase da moda. Ter qualidade de vida parece ser a grande preocupação do homem moderno. Entretanto, o sentido de qualidade de vida está cada vez mais confuso. Primeiramente quais seriam os critérios para se estabelecer que isto é qualidade de vida? Em segundo lugar haveria um padrão ideal e único de qualidade de vida? E, por fim, a questão da qualidade de vida diz respeito só ao ser humano ou a todo ser vivo, aí incluído o meio ambiente?

Evidentemente que para responder a tais questões seria necessário muito tempo e muito espaço, o que esta reflexão filosófica limitada não poderia fazê-lo, por isso vou limitar-me a dois

pontos apenas, suficientes para completar o desenvolvimento do tema aqui proposto.

Como primeiro ponto diria que a qualidade de vida abrange toda forma de vida, não apenas a vida dos seres humanos. E mais, só é possível falar em qualidade de vida com um meio ambiente saudável. Quanto à vida humana é preciso lembrar que ela acontece no espaço e no tempo físico e cultural, o que faz com que em cada época ou região o padrão da qualidade de vida seja diferenciado. Ainda, a qualidade de vida depende do projeto antropológico vigente em cada época. Por exemplo, na Idade Média é possível afirmar que a qualidade de vida consistia em viver em estado de graça, ter a pureza da alma. A vida corporal, não contava. Para os modernos e os iluministas a qualidade de vida poderia ser definida como o estado de posse da plena luz da razão. Para a sociedade atual de consumo, qualidade de vida poderá ser o máximo usufruto do conforto da tecnologia.

No segundo ponto coloco duas formas de qualidade de vida de acordo com a compreensão e vivência do corpo. A primeira forma acontece quando se busca viver segundo a própria vida de que o ser vivo, humano ou não, está dotado. Qualidade de vida, em primeiro lugar é respeitar o ser vivo que se é, procurando desenvolvê-lo na sua dinâmica específica. Diria com Maturana, possibilitar que aconteça a *autopoiese*. O primeiro, talvez, o único mandamento desta qualidade de vida seja: *amar o corpo vivo ou amar-se a si mesmo*. O ser vivente é o sujeito desta vida de qualidade porque segue a sabedoria da própria vida.

A segunda forma de qualidade de vida, e aí questiona se o termo é adequado, acontece quando o ser vivo assume uma identidade instrumental. É o que aconteceu e acontece, por exemplo, com as criações de animais com objetivos econômicos. É o que acontece com o indivíduo que faz de seu corpo, isto é, de si mesmo, um instrumento de obtenção de resultados de qualquer ordem, mesmo ao preço de seu esgotamento. A vida, ou o corpo, passa a ser um objeto nas “mãos” de sujeito abstrato. A vida não é viver, mas produzir. O corpo não é amado, mas usado.

## 6. Esporte

O termo esporte está longe de oferecer univocidade. Ao contrário, ele se apresenta envolvido numa complexa plurivocidade. Até na grafia da língua portuguesa aparece certa diversidade entre esporte e desporto. Mas isto é de menor importância, o fato é que o fenômeno esporte, em todo mundo, converteu-se num setor dominante da vida social sem distinção de classe social e nem de faixa etária.

Quer delimitar seu campo de abrangência ou estabelecer seu significado para ter-se tornado uma tarefa, senão impossível, no mínimo muito complexo. O que interessa aqui, é pontuar os aspectos que dizem respeito diretamente à questão da qualidade de vida.

O homem sempre recorreu às atividades físicas por duas razões diferentes. Uma como exigência para satisfazer suas necessidades básicas de alimentação e de defesa, em forma de trabalho ou de guerra respectivamente; outra como forma de expandir suas emoções e sentimentos em forma de danças e jogos.

Enfocando apenas essa segunda razão, a história das culturas revela que cada povo criou suas danças e seus jogos. Portanto há uma diversidade de jogos na mesma proporção da diversidade das culturas. Diante disto, vejo dois problemas, o primeiro afirmar que tais jogos podem ser identificados como esportes, o segundo estabelecer com precisão quais eram os objetivos destas práticas “esportivas”. Seria uma preocupação com a qualidade de vida? Sabe-se, com toda certeza, que estavam vinculados ao sagrado, como culto à divindade ou aos antepassados.

Entre nós, atualmente, o que vigora é o assim chamado esporte moderno que assume a organização do sistema empresarial da era industrial. Por capricho da história, os esportes da Inglaterra vitoriana difundiram-se no mundo inteiro e converteram-se, segundo Barão Pierre de



Coubertin (1863-1937), em símbolos de modernidade e de progresso. Os esportes “modernos” agora são parte integrante de um novo estilo de vida das elites sociais que dispõem do tempo de lazer, e dos sonhos das camadas populares que encontram neles uma nova chance de ascensão social. Diante do poderio organizativo dos esportes modernos, jogos tradicionais aos poucos foram se tornando vestígios anacrônicos de sociedades pré-industriais estáticas e rústicas. Jogos ou “esportes tradicionais são aqueles que existiam ou se originaram de atividades físicas antes da generalização do sistema moderno de esporte internacionalmente organizado. Tais jogos tradicionais podem ser encontrados ainda em toda parte, mas, geralmente, como práticas folclóricas como se dá com a música, as danças e as festas regionais. Entre os nossos indígenas podemos lembrar a Corrida das toras dos índios Canela.

Quero, por fim, acentuar quatro aspectos que marcam indelevelmente o esporte moderno a saber: o rendimento, a competição, o resultado e a organização. O praticante de esportes, queira ou não, com maior ou menor intensidade, precisa sujeitar-se a tais exigências.

## 7. Esporte fator de qualidade de vida.

Três observações iniciais. Primeiramente, sem sombra de dúvida, o esporte é apresentado e aceito como uma forma controlada e adequada para garantir uma boa qualidade de vida. O praticante de esportes é uma pessoa saudável física, mental e moral. A mídia se encarrega de reforçar este mito, alardeando todo dia que praticar esporte é sinônimo de vida saudável. Nunca explica, entretanto, qual seria esporte miraculoso.

Em segundo lugar, é preciso dizer que não existe o esporte, existem modalidades esportivas que privilegiam certos tipos de atividades físicas, as quais, por sua vez, exigem uma participação parcial do corpo.

Em terceiro lugar, a extensão do tempo de lazer, pelo menos para os países desenvolvidos e para as elites dos demais países, ajudou a criar, segundo afirma Michel Bernard, *uma imagem mítica do homem provido de corpo harmonioso, livre, sadio e belo*.(1). Entretanto como a regime de trabalho, sedentário ou não, não proporciona tal vida, vendeu-se a idéia de que o esporte seria capaz de superar esta frustração do homem moderno que viu no trabalho o caminho para uma vida emancipada e de felicidade.

Novamente como exigência dos limites desta reflexão, quero referir-me a dois tipos de qualidade de vida, no momento, sem fazer um juízo de valor que a qualidade é boa ou má.

O primeiro tipo de qualidade de vida está vinculado ao que chamo de vida existencial. Numa palavra, vida existencial é viver o ser vivo que sou, enquanto sistema determinado na minha estrutura, usando os termos de Maturana. Neste caso o esporte deve garantir o meu desenvolvimento de ser vivo dentro dos limites próprios sem agressão e sem violência, o que significa respeitar a minha ecologia, da qual fala Guattari em seu livro *As três ecologias* (2).

Vista sob ângulo da vida existencial, a qualidade de vida encontraria no esporte de competição uma prática perversa. A razão fundamental é que cultura física através do esporte de competição não tem como referência primeira o bem do corpo, mas a performance esportiva. Neste sentido diz Michel Bernard: *“A mitologia da ação encontrou também no esporte, sob a forma organizada que lhe deram as sociedades industriais contemporâneas, uma expressão nova ao mesmo tempo que enganosa na medida em que, pretende liberar o corpo pelo movimento, freqüentemente o esporte o aliena ou no mínimo o manipula ideologicamente”*. Jean-Marie Brohm define a suposta civilização do corpo pela exaltação da cultura corporal, tendo no esporte seu referencial maior, como uma *sublimação e dessublimação repressiva* do corpo.(4) Georges Gusdorf usa palavras ainda mais duras:

*“A desnaturação do corpo, no caso da cultura física, é ainda agravada pela mitologia do esporte e o culto do herói olímpico”,* pois, segundo ele, o esporte não se preocupa com o corpo do atleta, o interesse se desloca para o corpo idealizado dos “deuses dos estádios”. A situação fica ainda mais agravada com a invenção dos atletas especialistas que, no dizer de Gusdorf, se constituem num dos piores “descaminhos do pensamento contemporâneo. (...) O atleta torna-se uma máquina de saltar, de arremessar, de correr, de nadar, etc.(5). Os gestos naturais da vida existencial são desfigurados por um aperfeiçoamento funcional que traz resultados e não bem-estar.

O segundo tipo de qualidade de vida está vinculado às práticas esportivas ou, em outras palavras à vida atlética. Neste caso, a qualidade de vida está vinculado à performance atlética. O maior grau da qualidade de vida atlética é alcançado pelos atletas que atingem o índice olímpico e, mais especialmente, por aqueles que conseguem quebrar recordes. A vida atlética vê o corpo como um instrumento de uso para alcançar determinados objetivos esportivos. O atleta sacrifica sua vida pessoal, afetiva e social em benefício de um ideal que se coloca além da vida corporal. Em favor de uma vida dedicada aos esporte renuncia à sua vida existencial e assume os riscos que tal atitude possa lhe acarretar em nome da esperança de grandes triunfos. O atleta do esporte de rendimento escolhe um estilo de vida que, no seu entender, representa para ele a qualidade de vida almejada. Viver o corpo vivo não é o valor supremo, mas o que com ele se pode alcançar. A qualidade de vida é projetada em função da satisfação pelos sucessos a serem obtidos.

Não se pode afirmar que o esporte é um fator absoluto de qualidade de vida. Dois aspectos precisam ser levados em consideração. De um lado, não existe um padrão universal de qualidade de vida. Depende muito da subjetividade e da genética pessoal. Caso seja possível estabelecer um critério, ainda que diferenciado segundo cada biotipo, este estaria inscrito no próprio código genético de cada ser vivo. De outro lado, não existe uma única maneira de praticar esportes, portanto, não é no esporte que está a qualidade de vida, mas na maneira de praticá-lo.

## BIBLIOGRAFIA

- BERNARD, Michel. **Le Corps**. Éditions du Seuil, Paris, 1995.
- BROHM, Jean-Marie. **Sociologia política del deporte. e La civilización del cuerpo: sublimación y desublimación represiva**. Rev. Partisans Deporte, Cultura y Represión. G. Gili, Barcelona, 1978.
- CICERO, M. Túlio. **Saber Envelhecer e a Amizade**. Trad. Paulo Neves. L&PM. Porto Alegre, 1997.
- DAMÁSIO, António. **O Erro de Descartes**. Trad. Dora Vicente e Georgina Segurado. Cia das Letras, S. Paulo, 1998.
- GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Papyrus, Campinas, SP, 1990.
- GUSDORF, Georges. **A Agonia da Nossa Civilização**. Ed. Convívio. S. Paulo, 1978.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Trad. Lígia M. Pondé Vassallo. Vozes, Petrópolis, 1977.
- KAHN, Axel. **Et l’Homme dans tout ça ?**. Nil Éditions. Paris, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Société et révolution biologique**. INRA Éditions, Paris, 1995.
- MARCEL, Gabriel. **Le Mystère de l’être**. Aubier, Paris, 1968
- MATURANA, Humberto R. e GARCIA, Varela F. **De Máquinas e Seres Vivos**. Trad. Juan A. Llorens, Artes Médicas, Porto Alegre, 1997.
- \_\_\_\_\_. **La Realidad: objetiva o construída?**. Anthropos, México, 1997.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Gallimard, Paris. 1945.
- PADOVANI, Umberto. **História da Filosofia**. Melhoramentos, S. Paulo, 1972.
- SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Trad. Vergílio Ferreira, Presença, Lisboa,

1961.

VERNEAUX, Roger. **Histoire de la Philosophie Moderne**. Bochesnes, Paris. 1963.

\_\_\_\_\_ **Leçons sur L'Existencialisme**. Téqui, Paris, 1964.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

P. 2.

1. GUSDORF, Georges. A Agonia da Nossa Civilização p. 128

P.3

1. Maturana, H. De Máquinas e Seres Vivos p. 9-33.
2. KAHN, Axel. Société et Révolution biologique p. 123
3. DAMÁSIO, António. O Erro de Descartes. P. 260
4. GUSDORF, G. Op. Cit. P. 123

p.4.

1. BERNARD, MICHEL. Le Corps. P. 133
2. CICERO, M. Túlio. Saber Envelhecer e a Amizade p. 18-19
3. PADOVANI, Umberto. História da Filosofia p. 170

p.5

1. FOUCAULT, Michel. Cf. Vigiar e Punir
2. KAHN, Axel. Et l'Homme dans tout ça? P 28-29

p.6

1. SARTRE. Jean-Paul. O Existencialismo é um Humanismo p. 291
2. MARCEL, Gabriel. Cf. Le Mystère de l'Être e VERNEAUX, Roger. Leçons sur l'Existencialisme p.129
3. MERLEAU-Ponty, Maurice. Phénoménologie de la Perception p. 24

p.7

1. Maturana, Humberto R. Realidad objetiva o construida p. 24
2. KAHN, Axel. Société et Révolution biologique p. 15

p.8

1. DAMÁSIO, A. Op. Cit. P. 256/267

p.10

1. BERNARD, Michel. Le corps p. 137
2. GATTARI, Félix. Cf. As Três Ecologias.
3. BERNARD, Michel Op. Cit. P. 136
4. BROHM Jean-Marie. La Civilización del cuerpo: sublimación e desublimación repressiva. In Rev. Partisans p 59-85
5. GUSDORF. Georges. Op. Cit. P. 135.